

Directores: Eustachio Alves,
presidente; Vasco Lima, ge-
rente; Castellar de Carvalho,
secretario

A NOITE

Biblioteca Nacional
Avenida Rio Branco

Propriedade da Sociedade
Anonyma A NOITE

ASSIGNATURAS
Por 6 mezes 188000
Por 12 mezes 368000
NUMERO AVULSO 100 REIS

Redacção, Largo da Carioca, 14 sobrado — Officinas, Rua do Carmo, 29 a 35
TELEPHONES: REDACÇÃO, CENTRAL 523, 5285 e OFFICIAL — GERENCIA, CENTRAL 4918 — PORTARIA, CENTRAL 5710
SECÇÃO DE INFORMAÇÕES, CENTRAL 6004 — OFFICINAS, NORTE 7852, 7284 e 7221

ASSIGNATURAS
Por 6 mezes 188000
Por 12 mezes 368000
NUMERO AVULSO 100 REIS

Uma semana de chauffeur

CONTAR OS MILAGRES... E
NÃO DIZER OS NOMES
DOS SANTOS

UMA CHAUFFEUSE — HA-
BITOS EXOTICOS.

ESTA LIVRE O 692!

Vêr, ouvir e contar...
Não se podem queixar de nós aqueles
que se confiaram nas nossas barbas, na
sua sobria figura de "chauffeur", um
"chauffeur" de raça. Se contarmos o que
vimos, se dissermos o que ouvimos, não di-
remos tudo... Fiquem de uma vez tranqui-
lizados os cavalheiros que nos telefonou, logo
da seguinte em que tiramos as barbas, des-
cobrindo a nossa legítima personalidade, e
não contente com isso, numa grande afli-
ção, exigiu ainda que fôssemos promessas
formais de discreção a um nosso amigo pre-
ziosíssimo, que nos procurou, que nos veio
falar com o interesse vivo de quem advoga
segredos ameaçados da paz entre os po-
vos, do equilíbrio das nações...
Dissemos apenas os milagres... Fizemos
como aquelle ingenho alheio da aneddotica,
que, de volta de uma longa viagem, ao re-
gressar á casa, foi contar ao curu um mi-
lagre, como sendo a repetição de uma pas-
sagem da historia sagrada e que della, —
o curu, ouviu intelligentemente conselho:
— Meu filho: cont ao milagre, mas, se
acaso sabes, não digas o nome do santo...
Aquella senhora de olhos alegres, com
um guizo retumbante, que nos saudava a sor-
tir, não precisava agora, corar e fazer que
não nos vê. Na rua Buarque de Macedo ha-
viam um "atelier" de costuras e, se não
nos enganamos, até um gabinete dentário.
São magníficas desculpas se acaso as nos-
sas indiscreções levantarem uma vaga des-
confiança...
Quinta gente não vai agora respirar em
largos haustos, sem mais sustos, sem mais
recios, num desafogo. Hoje é o ultimo dia.
— quem sabe? — das confidencias desse
"chauffeur" bisbilhotador, que o Rio viu
por toda parte, no seu porte exacto de um
primeiro moscovita, somente nas suas bar-
bas, qua tudo viu, ouviu e contou, mas...
em certa discreção.
E, agora, podes, carioca, tomar sem sus-
tos o "Essex" 692.

E Madame deu o recado. Para que o aju-
dante acompanhasse o cavalheiro até o car-
ro, onde ella esperaria.
Momentos depois o ajudante voltava só.
Madame se mostrava contrariada.



so foi desimpedido e, ao partir, a mesma
voz nos falou:
— Essas barbas são como os meus cabel-
los... — a la garçonne...
O nosso encontro fôra com Maria Candida,
a primeira, a unica "chauffeuse" de praça
que o Rio possuiu. Assustavam-nos a mul-
her, a perspetiva feminina... Não mais
temíamos os conhecidos, os "collegas", a
policia, mas a Maria Candida...
Esse encontro fô, felizmente, na véspera
de abandonarmos o volante do 692, no pen-
ultimo dia em que a cidade viu em suas
ruas o "Allemão", como já nos chamávamos
e com o que, afinal, nos resignamos,
destacando como as emprestamos a inflexível
Alemanha como a legítima patria das nos-
sas barbas "russas".
Maria Candida veio ver-nos depois, quan-
do, barbas a baixo, fulelamos a nossa re-
portagem. Descalça conheceu o "collega".
— Desculpe, Maria Candida?
— Não. Tive até uma grande sympathia
pelo tipo novo que apparecia na praça.
Acredite que procurei, depois, vel-o nova-
mente. Curiosidade, sabe?
— Sim. Curiosidade de mulher... Perigo-
sissima para nós!
Parecia uma figura de romance... Que
gracia!
— A rir, com o seu ar garoto, vestida
numa "toilette" a la inglesa, com que dirige
o seu 8.164, Maria Candida, que é uma ra-
pariga intelligente, viva, caprichosa, fala-
va, fazia perguntas, queria saber do nosso
sucesso. Contamos algumas passagens da
nossa reportagem e lhe perguntamos em se-
guida:
— Mas, então, Maria Candida, em seu au-
tomovel não acontece assim, ás vezes?
— Não. Ao contrario. Os que têm segre-
dos fogem do meu auto. En sou mulher...
não guardo segredos...
E, em outro tom, Maria Candida nos fa-
lou, dando fim á palestra:
— Não é verdade. Sou discreta. Não são
todas as mulheres assim... Que injustos
são os homens!...

Madame toma lições de
flauta

Seis horas. Cinzas no espago. Luzes as
primarias lampadas. Todo um manto pardo
estendendo-se, chamalotado, no céu baixo. As
árvores sombream, já, o asphalto da rua.
Deixam de chibear os pardais. Um ou outro,
pá, como a dar signal de silencio. A
noite vai começar. Os autos são como vul-
tos rastejantes. A la hora elles formam
corredoiros, em certos pontos da cidade, e
como as formigas que se encontram, param
aqui, ali, acolá, e seguem depois. Os pas-
sageiros vão mettendo a mão na portinhola
e entrando, dizendo logo: — toque para
a rua tal, numero tantos. Esses são a ma-
ioria, mas ha muita gente que tem o costume
de mandar tocar o carro "pela" rua tal, só
dizendo depois o lugar para onde vai. E'
uma boa pratica, esta, porque evita que al-
guem saiba, além do "chauffeur", onde vai
o passageiro.
No numero das frequências precavidas, ha
uma senhora que se tornou conhecida por
isso, e por umas tantas exquisites suas.
Basta, morena, olhos castanhos, trajando
boas roupas, sem um cuidado especial, en-
tretanto, contrariando sempre a moda do
vestido curto, essa passageira habitual do
automovel, tem também como habito, to-
mal-a á hora da Jucos, em frente do Botafogo.
Num dia, assim, Madame estava á es-
quina, em frente á praia. Fez um signal

Maria Candida, "chauffeuse" de praça

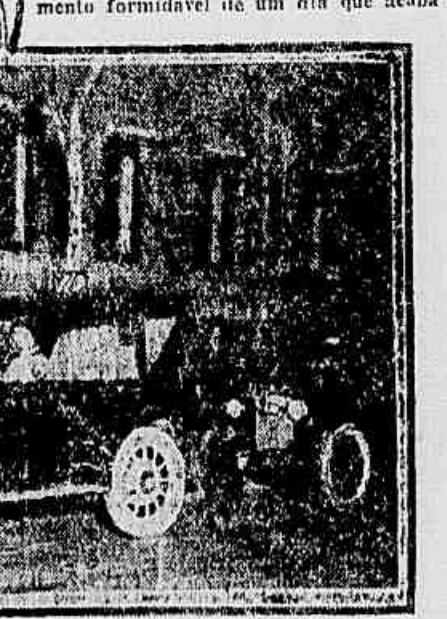
— Por que elle não veio?
— Disse que não estava...
Madame ficou um momento conjecturan-
do, mas logo resolveu:
— Vamos ao chellico.
Fomos. Ella desceu, ficou junto do carro,
a ver quem passava. Dez minutos depois,
como lhe pareceu não ter visto quem es-
perava, mandou tocar para o cinema Aven-
ida.
— Espere, disse-nos Madame.
A sessão terminava. Sairam os especta-
dores. Sairam depois os musicos. Um joven,
de cabelos pretos, crespos, tez pallida, saiu
tambem, empunhando uma flauta enca-
pada. Madame fez-lhe signal. Elle parou
indeciso, mas logo caminhou direito para
junto do auto.
Dez minutos depois deixavamos os dois
passageiros na rua Paulo de Frontin.
Madame era franca. Pagava o que mar-
cava o taxi, sem se importar com o troco.
Vendo-a desaparecer pelo braço do joven
pallido, tardando o passo, inclinada para
o lado, esperamos ainda um momento, a ver
se ouvissemos o som da flauta. Mas, nada.
Não sabemos por que, mas ha occorren-
ças aquelles versos:
Não ouves a voz da flauta?
Dôr do naufr...
Um momento abarbad —
Olhos de mulher...



ilgeiro para o nosso "Essex". Mal parava-
mos e Madame entrava no carro.
— Para a cidade, disse.
Era a primeira vez que Madame tomava o
nosso carro. Pareceu-nos que reparava na
nossa barba. Ficamos de alentos. Mas, não.
Madame olhava-nos a nós com olhar fixo,
como para o nosso ajudante. Tudo em Ma-
dame é habito. Sabíamos quasi á que lamos,
de facto, entrando pela Avenida, tivemos
ordem de tomar pela rua Sele e passarmos
naquelle trecho junto á rua Rodrigo Silva.
— "Chauffeur", queria que o senhor não
fosse á redacção da...
— Desculpe, Madame, mas não podemos
deixar o carro. Nosso ajudante poderá ir.
— Preferia o senhor.
— Não é possível, Madame. O ajudante
irá.
— Pois, sim

Não devemos terminar a nossa semana de
"chauffeur" sem falarmos de um encontro
curiosissimo. Foi, por certo, o momento
mais serio, mais perigoso, o mais difficil
instante, a mais grave ameaça que tivemos
as nossas suspetissimas barbas... postar.
O nosso auto parou em frente ao Palaco
Hotel. Chora. A Avenida tinha o movi-
mento formidavel de um dia que acaba as-

Numa tarde de chuva, em plena Avenida. A' porta do Palaco Hotel



sim, com chuva. Subito, ao nosso lado,
numa longa fila de automoveis que se não
movia, a businar, todos ao mesmo tempo,
ensurdecedoramente, surge um "Ford" pe-
guenino, "nigau", mas com o motor a
refolgear como se fosse... um auto de ver-
dade. Do volante, dois olhos vivos, muito
vivos, lançavam-se para nós espantados, in-
terrogativos e, em seguida, mudaram de ex-
pressão, como que sorriam, desconfiavam...
Sentimos fortemente aquelle instante, estí-
mos para engrenar o carro e fugir. Mas,
para onde? Um enorme, um perississimo
omnibus interrompia o transito, deixava-
mos, mesmo se pudessemos, sem aquelle
meio de defesa.
— Que cara bonita...
Voltamos, firmes, no volante e fitamos,
de frente, quem nos olhava aquella fronte.
Era um nosso golpe decisivo. Mas, o tra-

EM PORTUGAL

Não se fala mais em revolução,
mas apenas como resolver a
crise ministerial

LISBOA, 21 (H.) — A demissão do mi-
nisterio Antonio Maria da Silva foi provoca-
da pelas difficuldades de se chegar a accordo
com os nacionalistas.
O presidente Teixeira Gomes está inclina-
do a negociações para formação do novo
governo. Parece, porém, que o caso será de
difficil solução, porquanto nenhum partido
conta com maioria na Camara.

DE PINEDO ADIOU A
PARTIDA PARA TOKIO

ROMA, 21 (Itavac) — Telegraphum de
Sydney: "Querendo saudar a esquadra por-
to-americana, preside a chegar a este por-
to, o aviador De Pinedo adiou a sua partida
para o Japão. E' provavel que De Pinedo
levante vôo para a semana."

Dia da Colombia

A Colombia, a prospera e progressiva
Republica, nossa vizinha e nossa amiga,
festejou hoje o aniversario da sua in-
dependencia. Uma data de alegrias, essa,
data que toda a America Latina festeja com
verdadeiro jubilo.
Bem poucos países desta parte da Ame-
rica podem orgulhar-se de uma historia tão
rica de factos e de actos brilhantes como a
Colombia. Foi ella, bem se pôde dizer, o
berço da independencia dos povos libe-
raes americanos. Ali nasceram, ali se fizeram
ou ali combateram os pioneiros andazes que
conquistaram as liberdades que todos hoje
usufruímos.

Não chegamos tarde, certamente, para nos
associarmos de todo o coração, ás alegrias
do povo colombiano. E o fazemos, apresen-
tando as nossas felicitações ao Sr. Dr. Ma-
ximiliano Gillo, o diplomata illustre que
aqui representa a nobre e amiga Republica
da Colombia.

ACCIDENTE A BORDO DO "SAN MARTIN"

BAHIA BLANCA, Argentina, 21 (A. A.)
No decorrer dos exercicios de tiro que a
marinha nacional está fazendo nesta bahia
e quando o cruzador "San Martin" dispa-
rava os seus canhões de calibre 130, saiu
a culatra de um delles no momento da ex-
plosão, matando a peça, ferindo nove gravemente
e oito levemente. O "San Martin" regressou
imediatamente a este porto, verificando-se,
em seguida, que o accidente foi devido a
ter sellado o fecho da culatra do canhão.

A borracha

Prevê-se o emprego de capitães
norte americanos na America
Latina

WASHINGTON, 21 (U. P.) — Nos circulos
officiaes guardase absoluto silencio a res-
peito do memorandum entregue ha poucos
dias pelos industriaes e negociantes de bor-
racha ao ministro das relações exteriores,
Sr. Kellogg, a respeito das intenções mon-
opolizadoras que são attribuidas aos planta-
tores britânicos de latex produzido. Nos circulos
financeiros e industriaes dos Estados Uni-
dos, prevê-se que a alta dos preços da bor-
racha determinará o emprego do capital nor-
te-americano no cultivo da gomma elastica
nos ilhas Philipinas e nas regiões da Ame-
rica Latina que ainda não estão sendo ex-
ploradas e que offerecem possibilidades de
produzir a hevea.

Monkeyville... IMPRESSÕES DE ARTE

AS ORIGENS DO EXTRAORDINA-
RIO PROCESSO SCOPES EM
DAYTON

Quanta coisa ridicula!

Em um dos tres unicos restaurantes da
quella cidadezinha do interior, juntavam os
dois amigos, um advogado e outro profes-
sor da Escola Normal. Ambos muito jo-
vens e idealistas, discutiam os acontecimen-
tos do dia. E veio á baila a lei que na-
quelle dia fôra promulgada.
— E' a lei da liberdade de pensamento,
porque limita a liberdade de pensa-
mento.
— E tambem restringe a liberdade de
educação, observou o professor. Retrogra-
damos, voltamos ao seclerismo da Idade
Media. Como é possível deixar, por exem-
plo, de ensinar nas escolas a theoria da
evolução, as origens do homem?
— A discussão proseguia. E os dois resol-
veram promover o pronunciamento do tri-
bunal superior a respeito da nova lei. No
dia seguinte, o professor deveria fazer, na
escola, uma preleção sobre as origens do
homem, de accordo com os principios que
ensinara Darwin. Seria essa a primeira vio-
lação das disposições da nova lei que pro-
hibia que fossem ensinadas nas escolas
publicas doutrinas ou theorias contrarias
aos textos da Biblia. E se assim foi com-
binado, assim foi feito. E no mesmo dia



em que o professor fez a sua preleção, o
advogado apresentou contra elle queixa-
crime. Ah! estão as origens do processo
Scopes, em Dayton, Tennessee, Estados Uni-
dos.

Extraordinario processo! E mais extraor-
dinaria ainda essa lei, sobretudo nos Es-
tados Unidos, onde ha mais de um século
foi assegurada pela Constituição a liberdade
de pensamento. O caso tem, no entanto,
uma explicação: Tennessee é um Estado em
que predomina o puritanismo anglicano.
Por motivos de ordem politica, essa lei al-
surda foi promulgada. E os puritanos, em
tutela contra as outras acções retrógradas, ten-
taram esse golpe contra a liberdade de pen-
samento.

Iniciado o processo do professor Scopes,
por um amigo deste, como vimos, e visan-
do apenas a declaração da lei, os puritanos
de Dayton assanharam-se e prepararam-se
para a defesa. O processo começou, enão,
a provocar as mais vivas discussões, que
logo atravessaram as fronteiras do Estado.
A nova lei de Tennessee foi, então, co-
nhecida e, como é natural, vivamente con-
turbada. Mas os puritanos tomaram a sua
defesa. O ex-secretario de Estado, Mr. W.
J. Bryan saiu em defesa da extrema re-
tracção da Constituição. A combater a ap-
parição de Estado, Sr. B. Colby. A discussão
universalizou-se. Dayton tornou-se cele-
bre.

Então, os commerciantes de Dayton, ho-
mens modernos e praticos, reuniram-se e
resolveram crear uma comissão de publi-
cidade, encarregada da propaganda do pro-
cesso Scopes, afim de manter sempre vivo,
em todo o país, o interesse por Dayton e
seu processo. Aí, atrair visitantes. A pro-
paganda começou a ser feita com a habili-
dade e a intensidade que sabemos, pois até
aqui ella chegou... E os seus resultados fo-
ram taes que, dias depois, de recomendações
chegar a Dayton auto interessados que des-
cendiam para assistir aos debates do processo. Exul-
taram os commerciantes de Dayton! E
Dayton começou a transformar-se num
grande hotel!

Com a aproximação do dia do julga-
mento, começaram a chegar a Dayton de-
zenas, centenas e depois milhares de forestei-
ras. Mas, quasi todos elles iam de automovel
e neste dormiam. A época nos Estados
Unidos é de verão... Certo dia, uma trom-
ba d'agua caiu sobre a cidade inundando-a.
Muitos foresteiros fugiram... E surgiu o
vício de putrefacção das aguas, uma epidem-
ia de typho. Uma desgraça, porém, nun-
ca vem só. Nem aos pares! Um espirituismo
qualquer, diante do successo de Dayton,
mudou-lhe o nome e chamou-lhe Monkey-
ville. A "Cidade dos Macacos"! Era o ri-
diculo, o terrivel ridiculo que caía sobre
Dayton.

Afinal, chegou o dia de se iniciarem os
debates. O tribunal era uma modesta sala
que não comportaria cincoenta pessoas. Foi,
pois, transferido para o campo de "base-
ball"... Só ali haveria espaço sufficiente
para accumular toda a gente.

E' nesse campo de sports que os sorri-
sismos multicolores de uma multidão de curio-
sos, ou entre as carrancas dos faciosos, que
em Monkeyville, se resolverá, amanhã ou
depois, a sorte do professor Scopes.

Quanto ridiculo!

O professor Scopes condemnado

DAYTON, 21 (U. P.) — O jury acaba de
decretar a condemnação do professor Scopes, a quem
seu advogado não pagou a multa de cem dollares.

DA MUSICA A' MODA

Uma interessante palestra com a cantora patri-
cia Bebê Lima Castro

Num ambiente de intimidade foi que a
cantora Bebê Lima Castro, com aquella vi-
vacidade exultante de uma adolescente,
quando nos surgiu, á porta do salão do Ho-
tel Avenida, causou-nos mais do que admi-
ração — era surpre-
sa! Mettida no seu
vestido branco-pero-
la, estilo imperio,
um turbante da mes-
ma cor, com uma
fantasia egypcia ver-
de musgo, holas altas
de verniz e cano
branco, não era ella
aquella senhora que
todo o Rio conhece;
era uma fantasia de
sonho, mas um so-
nho real.

Estavamos de fa-
cto, diante de D. Be-
bê Lima Castro, a
magnifica cantora pa-
tricia, recém-chegada
da Europa, onde es-
teve aperfeiçoando
seus estudos durante
nada menos de cinco
annos.
Com aquella graça
jovial, ao saber de
nosso intento, de en-
trevistal-a. D. Bebê
falou em primeiro
lugar de sua viagem
que fôra optima. Vi-
sion varias capitais,
esteve em contacto
com diversos povos.
— E gostou de to-
dos?

— Sim, respondeu nos ella.
E acrescentou, sor rindo:
— Em gosto de todos elles, porque acho
que o povo é como o pecego: deste devemos
tragar só a parte côr de rosa...
Todos os povos possuem grandes qualida-
des, e se os marcarmos só por estas, sem
levarmos as máx em linha de conta, teremos
a sensação de ser o mundo um paraíso.
— Descejavamos saber quaes foram seus
passos na Europa.

— Oh! se eu lhe falasse da minha estadia
na Europa, seu jornal não diria mais nada
em um numero... Calcule o senhor que da-
qui fui á Italia e lá passei tres annos estu-
dando e trabalhando. Nos principaes thea-
tros de Trago de lá recordações muito gratas.
Tenho ainda bem nítida na memoria, o que
foi a festa realisada em nossa Embaixada,
na capital daquelle paiz maravilhoso, a festa
promovida pelo embaixador Oscar de Tefé.
Essa não me sairá nunca mais da imaginação.
mesmo porque foi a primeira vez que se
organizou um programma com artistas ex-
clusivamente brasileiros. Nenhuma emba-
xada ou legação nossa, no estrangeiro, con-
seguiu isso. Os jornaes Italianos se referi-
ram a ella de um modo carinhosissimo,
como sendo a mais bella festa da estação,
offerecida a Mussolini e á aristocracia ita-
liana.

— Nos theatros obteve successo?
— Sou suspella para falar delles...
— Mas não já os conhecemos. Depois dos
aperfeiçoamentos que a senhora fez com He-
lenia Theodorini, esse successo estava asse-
gurado.
Neste momento D. Bebê se commoveu e ac-
centuou:
— Se successos obtive, esses devo-os ex-
clusivamente a Theodorini. Foi ella quem
renovou minha voz. Cantel sempre como so-
prano lyrico e hoje sou soprano ligeiro.
— Difficilmente, D. Bebê tinha
discordado ella, depois disso, sobre o tem-
po perdido em melhorar um timbre que não
era o seu.

— Tinhamos, portanto, falado com a artista
fina e encantadora e por isso resolvemos in-
terrogar a mulher.
Falamos, portanto, a D. Bebê, da moda em
Paris.

Salamos da arte.
Ao lhe dizermos isto, D. Bebê, protestou:
— Sairamos da arte, não senhor! A moda é
tambem arte e esta interessa ao nosso mun-
do feminino. Saber vestir é uma arte. Quem
tem gosto tem arte. Uma senhora que não
tem gosto artistico não pôde vestir-se bem.
E, digão-me mais, esta arte é difficilissima.

— Sim, muito difficil, porque a moda que
vem bem numa moça gorda, não assenta
numa que é magra. A côr que exalta uma
loira, não diz bem numa cabeça de azas de
grana. Os matizes de um collo que dizem
bem com as nuances pretas são ingratos ás
espaldas "blonds". As meias finas são das
louras e os grandes contrastes das enca-
douras de cabelos pretos.

— Dizem que as parisienses abolliram o
preto. E' certo?

— A proposito das côres, pelo que vi e
soube em Paris, tenho a dizer que o preto
é o mais querido das francezas, tão caracteris-
tica.

mente dellas, morreu... As grandes costu-
reiras não gostam mesmo de executar mode-
los negros.
Em Paris, não ha predominio de côr. Os
tons vivos, é certo, tomaram a cidade luz de
assalto. As tonalidades do vermelho e do



D. Bebê Lima Castro, no 2º acto da "Lucia de Lammer-
moor" (Photographia tirada em Roma)

carnezin e o roxo vivo dos corações, predo-
minam na capital do mundo. Isto, entretan-
to, não quer dizer que as pessoas de bom
gosto desprezem as meias-fitas. Nas ruas
de Paris ha senhoras de extraordinario
"chic" vestidas a "rose du bois" côr greje.
Como lhe dissemos não conhecer essa
côr, D. Bebê explicou:
— Greje é o tom da rosa, da patine da
areia em noite de luar.
E continuou:
— Ha outra côr que o senhor naturalmen-
te não conhece: é o "vert amandé", tom das
flores lindas arvôres florestaes, na prima-
vera, banhados pelos raios de sol brilhante,
transportado para a cidade Luz.
Ha tambem o "blen lavand", tom ideal das
hortoeitas do Sylvestre, a esvaençaram, num
sonho de fogos flâmas, nas noites de Paris,
por entre os "tirolores" que bordejam o
Senar.

— E a sua opinião? perguntamos.
— Sou suspella, porque apesar de tudo o
meu gosto pessoal é pelo preto. Estou certa
de que essa côr só possa de moda tempora-
riamente.
O que se sente em Paris neste momento,
é que a multiplicidade de tons não facilita
a pratica do bom gosto. E' muito difficil sa-
ber-se usar as tonalidades variadas, guar-
dando-se a harmonia. Por isso não se ex-
trahia, mesmo em Paris, ver-se pessoas ves-
tidas com mais de um tom. Com o preto não se
daria isso, pois elle conserva, sempre, a li-
nha distincta na mulher.

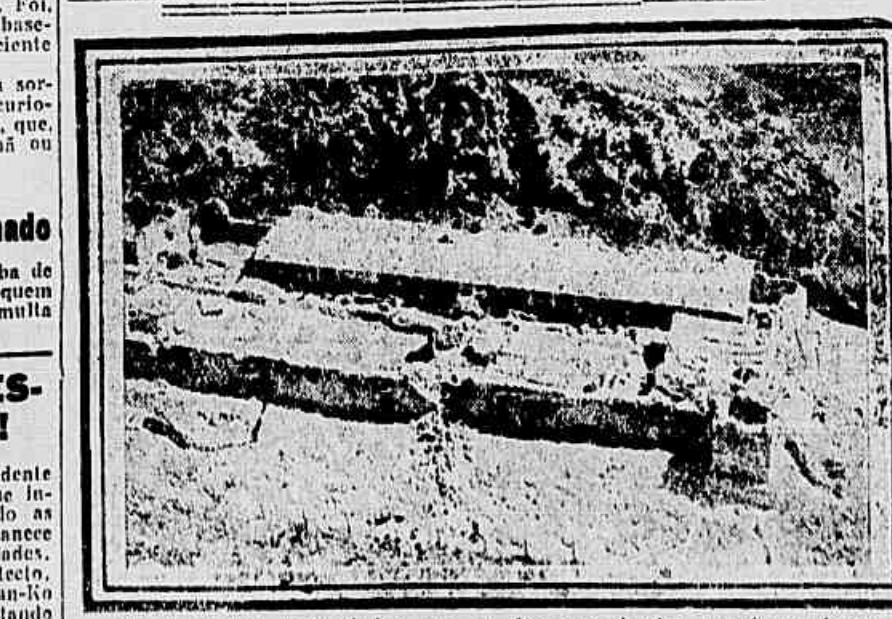
Lembramo-nos, então, de interrogar D.
Bebê sobre os cabellos cortados.
— Acho ideal essa innovação da moda,
respondermos. Fala-se que os cabellos cor-
tados masculinizam a mulher. Penso que
a mulher deve ser mulher antes de tudo,
mas os cabellos cortados não lhe tiram os
caracteristicos do sexo.
— Acha que o cabelo a "la garçonne"
permanecerá por muito tempo?
— Permanecerá por longos annos os ca-
bellos cortados.

Assim affirmam todos os grandes "coif-
feurs" de Paris. Os cabellos a "la garçonne"
é a inglaterra dos mais usuas, sendo Pa-
ris dominado pelos primeiros.
Os cabellos á inglaterra são preferidos pelas
loiras.

Falamos ainda com a notavel cantora pa-
tricia sobre os chapéus e as luvas.
— Essas coisas e mais os sapatos e as
meias completam a "toilette", respondermos.
Hoje, a moda, de uma apparencia de
grande simplicidade, torna-se, no entanto,
carissima pela necessidade de uma afina-
ção perfeita de tons sobre tons.

Era tarde, mas antes de nos despedirmos,
fizemos ainda uma pergunta a D. Bebê:
— E' verdade o que nos disse Germaine
Dermoz, que em Paris pouco se usa grandes
toilettes e que os decotes estão diminuindo?
— Certamente que, sendo os vestidos cur-
tos, os decotes não podem ser exaggerados.
Tudo isso obedece á esthetica.
Ha em Paris muito gosto e, por isso, o de-
cote vai diminuindo para ser substituido por
pontos mais adequados.
— Tinhamos completado a nossa entrevista.
Ora! que tenhamos sido felizes em re-
produzi-la.

Preparando a defesa de Taza



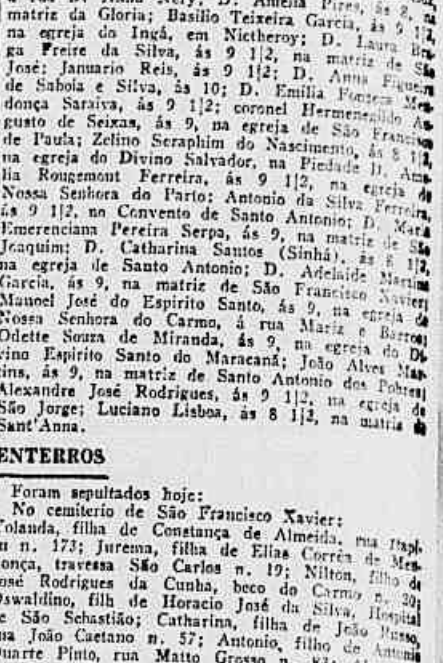
Um dos pontos, o de Ahulay, que os francezes haviam creado no longo da
sua zona de influencia em Marrocos e que tiveram de abandonar. Photogra-
phia tirada a 80 metros de altura na qual se podem observar as ruínas da
barragem de mouros.

100

POR OBJETIVO DE UMA ELEIÇÃO
NA A. COMMERCIAL DE CAMPOS

MISSAS

David Duran Francisco, às 9 112; na Candelária;
Antonio da Silva Ferreira, às 9 112; Urdana de
Vasconcellos, às 9; D. Amelia Magdalena Barbosa,
Ribeiro, às 10; na igreja do Carmo; capello tenen-
te Romeu Ribeiro Bastos às 8



Ferreira da Costa Lima, rua Lins de Vasconcelos 42; Odete, filha de Manoel Joaquim de Vasconcelos e Maria Carolina; Albino Henriques Carreira, rua Frei Caneca 199; Desolada, filha de João Mauro, rua General Pereira 169; Desolada, filha de Joaquim Duarte da Costa, rua da Lavoura, 24; Maria Martha Jacob, morro da Favela; Desolada, filha de João de Almeida, rua da Lavoura 15; José da Silva Ramos, rua da Lavoura, número 41; Augusto Marques Dias, Hosp. General, morro da Saúde; Angenor Senna, rua Torres, 100; Desolada, filha de Herclino Vives Rodrigues, travessa Alegria n. 10; Maria, filha de Socorro, necrotério do Instituto Médico Legal; Desolada, filha de José de Almeida Gonçalves Baptista, rua da Lavoura, n. 10; Maria, filha de Anacleto, rua Porto, rua Barão de Itaipua; Desolada, filha de João Baptista da Silva, rua Luiz Barbosa número 30.

3. Cemitério de São João Baptista: Desolada, filha de Ivina da Costa Araújo, rua de Paes Gomes Carneiro n. 71; Lauro Guimarães Gonçalves, rua Natal n. 34-B; Ignácia de Oliveira, rua Cirilo n. 10; Desolada, filha de Maria do Carmo, rua da Moura, n. 04; Desolada, filha de

Para Defluxos, Constipações e Influenza

seguro e aprovado pela
experiência. A assignatura de E. W.
PROVE em todas os vidros.

22 de Maio de 1917.

"DIA DO PREPARATORIANO"

stituído o "Dia do Preparatoriano", illa foi acolhida com applausos por meados seipulos, acclamam-se os trabalhos para stejos commemorativos, que se realizam, primeira vez, nesta capital, em 8 de to proximo.

ultima assembleia dos preparatorios, tratar de este assumpto, ficou resolta homenagem especial a todos os directores-professores de estabelecimentos de ensendiario.

sim, ja foram accreitos os seguintes indicados pelo Sr. tenente Alemdor Al Pereira, os Srs. general Alcido

Dr. Alfredo Severo; pelo Sr. Claudio
S. Srs. Drs. Jurema de Mattos e Jo-
s. Serrano; pelo Sr. Zolachio Diniz,
pelo Sr. La-Fayette Cortes e Conde Affonso
pelo Sr. Francisco da Costa Gimma-
D. Meinrado Mattoso (da Costa Gimma-
D. Vingabe); pelo Sr. Aulus (do S. B.); e Dr.
therato Bittencourt e Barão de Telford
R. Waldegar Gomes Lucas, os Srs. Dr.
Shepard e major João Cesar de Noro-
pelo Sr. Zama Maciel, os Srs. general
o de Moraes e Dr. Felisberto de Ma-
pelo Sr. Celso Gaudie-Ley, os Srs. ci-
Dr. Sebastião Fontes e Dr. Mendes da
e pelo Sr. Saldanha e Marinho Diniz,
Drs. Ernani Cardoso e Pedro da

desse eminentes homens de letras,
também indicados e aceitos os nomes
s. Conde Carlos de Luet e Dr. Coelho
semelhante que este notável escriptor pa-
o Dr. Affonso Celso falarão a mo-
no "Dia do Preparatório".

rograma dos festejos já está defini-
e organizado e consta de:

as, às 8 1/2 hs., na Igreja da Candeia-
cebrada por D. Manoel de

cos athleticos no campo do Flamen-
2 1/2 hs. aos quaes concorrerão equi-
lunos de varios Collegios e Cursos
spital e dos Estados.
solicitação de diversos alumnos, a
hora, va ser deliberado harmonisa-
gramma de athletismo, que e grande
torncio infantil de "foot-ball", offe-
se uma "taça" ao Collegio ou Curso
(.)
ssão civico-literaria, ás 7 horas da
o ex-pavilhão argentino, sob a di-

Alfo, Sr. general Jonhalhas Barreto, tenente de honra", havendo os seguintes exmos. Sr. Conde Affonso Celso e o Netto; sobre o "Dia do Preparativo do Sr. tenente Aldeio Alvarez Penna orador official", sobre "A Liberdade e a Fraternidade Universal", pelo Sr. Zama Maciel; sobre "Patria e Liberdade", pelo alumno Sr. Saldanha Martins; e Poesia, pelo alumno Sr. Anilau. A noite, com jazz-band e uma musica. As 10 horas da noite, no Sal das Festas.

missão-directora dos festejos pede, intermediado, que os alumnos e alumnas desses estabelecimentos de ensino compareçam á reunião de amanhã, a. dia 22, ás 4 hrs. e, si possível, a relação dos collegas inscriptos para sportiva (inclusivae "foot-ball") assim, outra relação, ambas dos respectivos directores, dos que desejarem participar dos festejos.

andante Muller dos Reis
ito presidente do Centro
egação Transatlantica,
de Montevidéo.